

XIII Congresso Brasileiro de Sociologia
29 de maio a 1 de junho de 2007
UFPE, Recife (PE)

GT16: Pensamento Social no Brasil

A AMAZÔNIA DE DJALMA BATISTA

-

RENAN FREITAS PINTO
TIAGO DA SILVA JACAÚNA

-

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

edua_ufam@yahoo.com.br
tiagojacauna@hotmail.com

A AMAZÔNIA DE DJALMA BATISTA

Renan Freitas Pinto*
Tiago da Silva Jacaúna*

Resumo

Abordar o pensamento social brasileiro é constatar uma série de autores que procuraram pensar o país de inúmeras perspectivas. Do mesmo modo, a Amazônia revela uma gama de intelectuais cujas idéias são de suma importância para compreendê-la, entre eles destacamos Djalma Batista. O pensamento social deste autor é marcado por um perfil intelectual que procura conhecer a Amazônia de inúmeras perspectivas, não se restringindo a um determinado campo científico, mas combinando ferramentas de inúmeras disciplinas, buscando não apenas descrevê-la, mas conhecê-la profundamente. Desenvolver a região, econômica e culturalmente, são aspectos importantes que podem ser percebidos ao longo de todas as suas obras. Apesar da significativa contribuição que seu pensamento social fornece para a compreensão da região, o estudo de suas obras está apenas iniciando-se. Por isso, faz-se necessário resgatar e aprofundar o estudo de seu pensamento social. Com intuito de dar visibilidade ao seu pensamento e compreender as suas principais idéias, sobretudo no que tange às concepções sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento da Amazônia, foi realizada uma leitura interpretativa das obras: *O Complexo da Amazônia* (1976), *Cultura Amazônica* (1955), *Idéias gerais sobre a ecologia do homem amazônico* (1961), *Da habitabilidade da Amazônia* (1963) e *Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento da Amazônia* (1967), procurando identificar os conceitos e as idéias-chaves utilizadas pelo autor em sua interpretação e diagnóstico da região amazônica, sempre trabalhando com as suas concepções sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento da região, à luz de literatura pertinente. Assim, pôde ser identificado que, para Djalma Batista, a raiz do subdesenvolvimento da Amazônia é de ordem sócio-cultural; segundo ele, é a fragilidade da educação do povo amazônico o principal causador do seu subdesenvolvimento. Para que esta situação seja superada, é necessário o auxílio da ciência e da tecnologia para um melhor conhecimento da região e para propiciar o uso racional dos seus recursos naturais, assim como ampliar o acesso da educação aos povos da Amazônia. Portanto, o pensamento social de Djalma Batista contribui significativamente para a compreensão da região amazônica e o estudo de suas obras faz-se necessário por todos aqueles interessados em compreendê-la. O projeto fez parte dos estudos empreendidos pelo núcleo do Pensamento Social na Amazônia –CNPq/UFAM.

Introdução

Ao abordarmos o pensamento social brasileiro deparamo-nos com uma série de autores que procuraram pensar o país de inúmeras perspectivas, entre eles destacamos Machado de

* É doutor em Ciências Sociais e professor titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas.

* É graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas e pesquisador do Núcleo de Socioeconomia da Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Amazonas e do Centro de Excelência Ambiental da Petrobrás.

Assis, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Joaquim Nabuco, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Villa Lobos, Portinari, Jorge Amado, Graciliano Ramos, entre outros, que nos servem de chave para compreendermos a diversidade sociocultural existente no Brasil. Outrossim, a Amazônia revela uma gama de intelectuais que se debruçaram sobre ela e procuraram compreendê-la, como Euclides da Cunha, João Daniel, Thiago de Mello, Artur César Ferreira Reis, Márcio Souza e Djalma Batista, para não tornar esta lista demasiado extensa.

Antes de começarmos a falar sobre pensamento social, temos que ter em mente o que isto significa:

A idéia de pensamento social corresponde em parte à constatação de que a riqueza dos processos sociais e culturais jamais é revelada plenamente quando utilizamos tão somente os métodos e recursos de uma determinada disciplina como a sociologia, a antropologia ou história. O pensamento social é construído transpondo barreiras e limites de disciplinas e campos de conhecimento, combinando, em muitos casos, dados empíricos e fatos com percepções extraídas da poesia, do romance, do teatro. (FREITAS PINTO, 2002, p. 144-145).

Portanto, podemos observar o arsenal de possibilidades de interpretação que o pensamento social nos fornece, pois se trata de uma gama de conhecimentos que podem ser absorvidos ao lermos obras de autores que não são tidos como especialistas de determinada disciplina, mas que podem contribuir muito para o esclarecimento e compreensão das regiões onde elaboram suas idéias.

Deste modo, percebemos que para entendermos a realidade política, econômica, social e cultural de um país ou região em determinada época ou contemporaneamente, temos que recorrer aos autores que pensaram sobre a mesma, pois os mesmos “são reconhecidos como organizadores da cultura de um país e constituem uma das chaves privilegiadas para compreendermos a formação sociocultural onde atuaram”. (FREITAS PINTO, 2002, p. 144).

Ao analisarmos o pensamento social na Amazônia destacamos, entre poetas, romancistas e escritores, o médico sanitário Djalma da Cunha Batista.

Analisando o pensamento social de Djalma Batista deparamo-nos com um perfil intelectual que não está apenas voltado para conhecer a Amazônia a partir de disciplina específica, mas de múltiplos aspectos, combinando ferramentas metodológicas de disciplinas como a sociologia, antropologia, história, geografia e de disciplinas das ciências naturais, revelando, deste modo, a Amazônia em suas várias faces.

O pensamento social de Djalma Batista contribuiu, portanto, significativamente para a formação desse pensamento na região amazônica, pois o autor não procurou apenas descrevê-

la, mas conhecê-la profundamente, utilizando sua experiência de médico e o seu interesse e envolvimento com temáticas amazônicas de todas as ordens, para assim elaborar idéias que possibilitassem fazer da região amazônica um lugar viável para o desenvolvimento econômico e cultural.

Desenvolver a região amazônica econômica e culturalmente é tarefa importante que podemos perceber em obras como o *Complexo da Amazônia* (análise do processo de desenvolvimento) (1976), em ensaios e artigos como *Cultura amazônica* (1955), *Idéias gerais sobre a ecologia do homem amazônico* (1963), *Da habitabilidade da Amazônia* (1963) e *Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento da Amazônia* (1967), onde Djalma Batista expressa o seu pensamento social com todo vigor e estão presentes os seus projetos para o futuro da região amazônica.

Destarte, ao lermos as obras de Djalma Batista, percebemos a gama de conhecimentos e possibilidades de interpretações que as mesmas nos fornecem à compreensão da região amazônica. Do mesmo modo que constatamos a pertinência de suas obras, deparamo-nos com um ainda bastante incipiente conhecimento de seu pensamento social. Foi para combater este panorama de ausência de trabalhos monográficos referentes a este autor que esta pesquisa surgiu, ou seja, dar visibilidade ao pensamento social de Djalma Batista foi nosso principal objetivo. Objetivo este que esperamos estar concretizando através deste artigo, através do qual, procuramos mostrar a relevância do pensamento social de Djalma Batista, afim de que suas obras sejam lidas e tidas como referências por todos aqueles que tiverem interesse em estudar a região amazônica.

Ao analisarmos as obras de Djalma Batista, percebemos uma característica marcante que permeiam todas elas: a preocupação em tirar a região amazônica do subdesenvolvimento e, com isso, propor caminhos para desenvolvê-la. Por isso, tivemos como objetivo específico compreender os conceitos de Djalma Batista sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento, particularmente da região amazônica. Para isso delimitamos as principais obras que nos propiciassem esse conhecimento, desta maneira, o *corpus* teórico que norteou todo nosso trabalho figurou-se na análise das seguintes obras: *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento* (1976), *Cultura Amazônica* (1955), *Idéias gerais sobre a ecologia do homem amazônico* (1961), *Da habitabilidade da Amazônia* (1963) e *Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento da Amazônia* (1967). Nestas obras, procuramos realizar uma leitura interpretativa identificando os conceitos e as idéias chaves que são utilizadas por Djalma Batista em sua interpretação e diagnóstico da Região Amazônica.

Procuramos, também, nas obras acima mencionadas, trabalhar e compreender os conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento da Região Amazônica aplicados por Djalma Batista. Para isso, estivemos sempre examinando literatura presente ou que retrata o período histórico em que o estudioso amazônida elaborava suas idéias, a fim de compreendermos quais eram as concepções de desenvolvimento e subdesenvolvimento de sua época e compará-las com as suas concepções. Para este fim, a literatura foi: *Formação Econômica do Brasil* (1969), *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1981), ambas do economista brasileiro Celso Furtado; *Historia do Brasil* (2004), de Boris Fausto; *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* (1986), de Renato Ortiz e *Ditadura e Agricultura* (1986) de Octavio Ianni.

Com isso, constatamos a significativa contribuição do pensamento social de Djalma Batista à compreensão da região amazônica e o estudo de suas obras torna-se uma experiência para aqueles que procuram entendê-la.

O Perfil intelectual de Djalma Batista

Ao estudar as obras de Djalma Batista, podemos perceber os vários métodos de análise utilizados pelo autor para a sua interpretação e diagnóstico da Região Amazônica. Dessa forma, ao ler as obras do estudioso amazônida, o leitor irá se deparar com uma gama de combinações e métodos de análises que não se restringem apenas a uma área do conhecimento.

A construção desse perfil implica em considerarmos elementos de sua formação, em combinar a experiência da medicina ao seu permanente envolvimento especial com as temáticas relacionadas com a Amazônia, é isto sem qualquer limite de natureza disciplinar. Dedicou, [...] parte substancial de sua vida à leitura de tudo que estivesse a seu alcance sobre a região, desde a poesia até os textos pertinentes a matéria científica e técnica. (FREITAS PINTO, 2002, p. 144).

Djalma Batista era médico sanitário, mas sempre esteve envolvido com questões sociais, políticas e econômicas que permeavam a Amazônia, procurando sempre pensar criticamente sobre seus problemas e propor soluções. Para isto o estudioso procurava conhecer a Amazônia sob várias perspectivas utilizando conhecimentos de medicina (é comum nas suas obras depararmos com termos técnicos próprios da medicina), da agronomia, da geografia, da

história, da antropologia e da sociologia. Deste modo, ao ler as obras de Djalma Batista deparamo-nos com uma abordagem multidisciplinar da Região Amazônica.

Outra característica marcante do autor é que suas idéias sempre são postas a serviço das políticas públicas. Desta maneira, percebemos uma relação intrínseca entre Djalma Batista e o pensamento dos intelectuais isebianos. Pensamento este que, de acordo com Ortiz (1986) exerceu forte influência no pensamento político, econômico e social do país desde seu início - que segundo Boris Fausto (2004) ocorreu no ano de 1955 no governo de Juscelino Kubttschek e teve grande influência em seu modelo econômico, o nacional-desenvolvimentismo – passando pelos anos de 1960 e se proliferando pelos diversos segmentos sociais. Como Djalma Batista é um sujeito situado e datado, ou seja, um homem que reflete de acordo com as idéias de seu tempo, também recebeu influencias deste pensamento.

Segundo Renato Ortiz (1986), os intelectuais do ISEB tinham a função de diagnosticar os problemas que assolavam o país e logo em seguida propor uma solução a ser desenvolvida e implantada para a solução destes problemas. Do mesmo modo, Djalma Batista se coloca na mesma perspectiva, por isso, ele sempre vê o Estado como um articulador do processo de desenvolvimento e por isso não deixa de criticar e apontar caminhos para uma melhor eficácia das medidas emanadas pelo Estado.

Sempre houve em sua obra, desde seus momentos iniciais, o compromisso de conhecer a Amazônia para poder formular um projeto capaz de torná-la uma região viável para aí se desenvolver uma sociedade em condição determinar seu próprio futuro. (FREITAS PINTO, 2002, p. 144)

O Subdesenvolvimento da Amazônia

Ao analisarmos as concepções acerca do subdesenvolvimento da Amazônia nas obras de Djalma Batista, detectamos que, para ele, este não é um conceito meramente econômico, mas, sobretudo cultural.

O fator educação conta muito pouco na formação social da Amazônia: tem sido uma pobre alfabetização. Não se ensina a trabalhar a floresta e o rio e a evitar as doenças, nem a respeitar as dádivas da natureza e a bem aproveitá-las. Portanto, material humano primitivo, a serviço de interesses de fora da região e falta de aprimoramento a que a educação conduz. E o resultado é o que vemos: sociedades em estágio primário de educação, à procura de um destino social e econômico. (BATISTA, 2003, p. 146).

Podemos perceber que, para o autor, o fator educação assume grande importância na análise do processo de subdesenvolvimento regional. Para ele, o problema do

subdesenvolvimento da região amazônica perpassa eminentemente a questão cultural. “Essa pobreza generalizada [...] tem raízes na ausência, pouca oportunidade ou má orientação da educação, e conseqüente subdesenvolvimento psico-social ou sócio-cultural” (BATISTA, 1976, p. 92) das populações amazônicas.

O problema da educação agrava-se ainda mais pelo despreparo intelectual dos professores que conduzem o ensino na região e pelas condições infra-estruturais precárias das escolas. “Por isso não é surpresa que a inteligência não tenha se desenvolvido satisfatoriamente” (BATISTA, 1976, p.44) na região.

A falta de educação do povo amazônico é causador de um grave problema no que tange a administração pública: o despreparo intelectual dos homens que estão à frente dos organismos e governos municipais.

Pessoas ligadas à administração pública me têm dado seu depoimento quanto à situação dos municípios, onde prefeitos, vereadores e servidores municipais (com necessárias exceções) não se encontram à altura dos encargos exclusivamente pelo seu despreparo. (BATISTA, 1976, p.94).

O autor mostra-nos uma profunda inquietação quanto à situação do panorama político da região, segundo ele, “[...] demonstramos ter assinalado pouco ou nada [...] da cultura: nossas eleições, como de resto no Brasil inteiro, quase sempre se fazem através de escolhas sentimentais ou – o que é pior! – por forças de cambalachos deprimentes”. (BATISTA, 2003, p. 76).

Segundo o estudioso, esse despreparo intelectual que reflete na administração pública também é causador da vida indigna que os interioranos sofrem ao chegarem às capitais (Belém e Manaus) a procura de melhores condições de vida. Êxodo rural este ocasionado devido à completa estagnação e abandono em que o interior amazônico se encontra. Deste modo,

[...] formou-se, e constantemente aumenta, em Belém e Manaus, uma massa enorme de marginais, à procura de empregos públicos, para os quais não está intelectualmente preparada, ou vivendo de pequenos negócios e expedientes, já que o mercado de trabalho das duas capitais é por demais limitado: as famílias facilmente se desfazem, as mulheres se prostituem, as doenças se espalham, nas moradias improvisadas, sem higiene e sem conforto. E todos passam fome ou enganam o estômago. (BATISTA, 2003, p. 105).

Outro aspecto do subdesenvolvimento que o autor aponta é quanto à alimentação. Nas capitais Belém e Manaus onde se encontra um grande contingente de pessoas, o estudioso constata a escassez de alimentos como o leite, ovos, carne e queijo, predominando apenas o peixe e o feijão.

As crianças não estão livres desta situação. O autor verifica que a falta de leite é um dos graves problemas amazônicos.

As crianças não têm leite, exatamente por que o gado é muito pouco, mal distribuído e destinado ao corte e o leite industrializado inacessível por motivos econômicos: passam diretamente do seio materno para a dieta de adulto, sobrevivendo às diarreias e distúrbios nutritivos graças apenas a seleção natural. No interior, vi crianças de 6 meses sendo alimentada com peixe cozido e pirão de farinha. (BATISTA, 1976, p. 62).

Assim, percebemos que para Djalma Batista a falta de uma alimentação adequada é um dos graves problemas que assola o meio amazônico.

Inexiste, portanto na Amazônia uma base alimentar para a exígua população atual, que tem de comprar em larga escala gêneros de importação para se manter; para comprar esses gêneros precisaria ter rendimentos muito altos, o que de maneira alguma ocorre. (BATISTA, 2003, p.143).

O subdesenvolvimento da Amazônia também se configura pela sua situação pré-capitalista, situação esta, ocasionada pela a economia regional ainda está pautada na produção extrativista, que segundo o autor, constitui um grande impasse para o desenvolvimento da Amazônia. “A produção extrativa é à base de todo o erro, pela sua condição arcaica”. (BATISTA, 1976, p.205).

Deste modo, percebe-se que o autor encara o extrativismo como um sinônimo de atraso econômico, de subdesenvolvimento, situação que se reflete nas transações comerciais que de igual modo, segundo o estudioso, permanecem arcaicas: “[...] o comércio em geral ainda não é comércio: é escambo – troca de mercadorias por gênero – tal qual sempre fizeram os chamados civilizados com os índios, há séculos”. (BATISTA, 2003, p. 76).

Segundo Djalma Batista, a solução para tirar a Amazônia deste atraso seria uma revolução ou uma reforma geral da economia regional.

O isolamento geográfico também é visto pelo estudioso como um causador do subdesenvolvimento da Amazônia, pois, por não estar integrada fisicamente ao restante do país, as informações sempre chegam com atraso na região, o acesso à mesma torna-se difícil, o escoamento da produção é demorado, pois sem estradas, só os rios servem de meios para se chegar a outras regiões.

O que é importante a ser observado quando analisamos as obras de Djalma Batista, é que a sua concepção sobre o subdesenvolvimento regional rompe com a “ciência normal” determinista fundada por Euclides da Cunha, onde o atraso da Amazônia jamais poderia ser superado, pois estava arraigado a fatores como o clima, a posição geográfica e a natureza, ou seja, nessa perspectiva, não se poderia fazer nada, a Amazônia estava predestinada ao atraso!

O que o autor quer nos dizer, é que o atraso da região não tem nada haver com o meio. Segundo ele, o problema do subdesenvolvimento da Amazônia, como vimos, é cultural, isto é, é a precariedade da educação e a falta de um projeto para a mesma, o seu maior desafio.

Assim, os aspectos do subdesenvolvimento da Amazônia acima demonstrados devem ser superados para que a região possa encontrar o caminho que a levará ao desenvolvimento. Djalma Batista não mede esforços para pensar e propor caminhos que possibilite a prosperidade para a Amazônia e seu povo. Porém, para compreendermos as suas concepções sobre o desenvolvimento da região, não devemos desconectá-lo das concepções sobre o tema que vigoravam em sua época, para assim sabermos que tipo de desenvolvimento ele defende.

O desenvolvimento da Amazônia

Para entendermos as concepções de Djalma Batista sobre o desenvolvimento da Amazônia, iremos abordar as principais idéias e políticas econômicas que de alguma forma estavam presentes do pensamento social de Djalma Batista.

O ano de 1964 foi marcante no cenário político e econômico brasileiro. Neste ano, iniciou o período de Ditadura militar no Brasil, onde militares, se revezavam no poder e governavam o país de forma autoritária. No plano econômico,

[...] os governos militares desses anos [1964-78] foram levados a bloquear drasticamente, [...] as tendências de formação e desenvolvimento de um capitalismo nacional no Brasil, e induzidos a adotar e implantar, de forma agressiva e repressiva, o modelo “economia aberta”, ou desenvolvimento capitalista dependente. (IANNI, 1986, p. 24).

O modelo econômico adotado pelos governos militares de 1964-78, atingiu profundamente a região amazônica. “O que ocorreu [...], foi principalmente um desenvolvimento extensivo do capitalismo. No extrativismo, na agricultura e na pecuária, desenvolveram-se as relações capitalistas de produção, juntamente com as forças produtivas”. (IANNI, 1986, p. 55).

Esse desenvolvimento extensivo do capitalismo na Amazônia foi acompanhado por uma maior participação do Estado brasileiro na região, criaram-se órgãos como a SUDAM e o BASA; construíram-se rodovias etc., todas essas medidas a fim de propiciar esse tipo de desenvolvimento para a região. “Assim, ao longo dos anos 1964-78 [...] a Amazônia representou [...] uma [...] fronteira para o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo monopolista que capturou amplamente o Estado brasileiro em 1964”. (IANNI, 1986, p. 71-72).

Entre os intelectuais mais expoentes que trabalham com conceitos relacionados ao desenvolvimento nacional, contemporâneos a Djalma Batista, destacamos o economista Celso Furtado.

Em sua obra *Formação Econômica do Brasil* (1969), o economista demonstra que no momento em que a economia cafeeira deixa lugar ao desenvolvimento industrial, o descompasso de níveis de renda entre as regiões brasileiras mostra-se nitidamente, ou seja, determinadas regiões passam a concentrar a renda do país.

Deste modo, Celso Furtado temia que esta situação ocasionasse tensões regionais, pois, era notório que para uma região crescer economicamente necessariamente outra deveria estagnar-se. No entanto, o autor evidencia como a superação desta situação poderia ser realizada:

Essa situação exigirá uma nova forma de integração da economia nacional [...]. Um processo de integração teria de orientar-se no sentido de aproveitamento mais racional de recursos e fatores no conjunto da economia nacional. Na medida em que se chegue a captar a essência desse problema, se irão eliminando certas suspeitas como essa de que o rápido desenvolvimento de uma região tem como contrapartida necessária o entorpecimento do desenvolvimento de outra. (FURTADO, 1969, p. 252).

O autor, deste modo, não descarta a possibilidade de articulação e integração das regiões brasileiras para o desenvolvimento econômico, porém esta não poderá ser feita apenas para o beneficiamento de determinada região, mas sim de um desenvolvimento conjunto, onde todas participem desse processo de desenvolvimento econômico.

Na obra *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1981) Celso Furtado vê o desenvolvimento econômico como uma ilusão. Essa constatação surge ao analisar a atividade industrial nos países periféricos, como o Brasil, e faz a seguinte consideração:

O que cria a diferença fundamental e dá origem a linha divisória entre desenvolvimento e subdesenvolvimento é a orientação dada à utilização do excedente engendrado pelo incremento de produtividade. A atividade industrial tende a concentrar grande parte do escoamento em poucas mãos e a conservá-la sob controle do grupo social diretamente comprometido com o processo produtivo. (FURTADO, 1981, p.26).

O intuito do autor é mostrar que nos países periféricos, a renda gerada pelo país não se prolifera até a grande massa da população, mas fica restrita nas mãos de poucos ou em determinadas regiões, gerando grandes problemas sociais.

Após termos conhecido as principais idéias que permeavam a época em que Djalma Batista tecia suas idéias, iremos a partir de agora conhecermos as suas, e de que maneira ele se inseri no bojo dessas concepções.

Ao analisarmos as obras de Djalma Batista, especificamente a obra *O Complexo da Amazônia* (1976), percebemos a adesão do autor aos projetos de desenvolvimento implantados pelos governos da ditadura. Em uma passagem de *O Complexo da Amazônia* o autor afirma:

O processo desenvolvimentista só tomou corpo, entretanto, de maneira sistemática, a partir do governo Castelo Branco [1964], continuando por seus sucessores. Um elenco de iniciativas está em andamento, quase sempre em ritmo acelerado, abrindo novos horizontes para a Amazônia. (BATISTA, 1976, p. 25)

Como já vimos a partir de 1964 o Brasil sofreu um processo de avanço do capitalismo dependente e a Amazônia foi fortemente impactada por esse processo. À medida que Djalma Batista analisa de forma positiva este processo, podemos afirmar que, para o mesmo, o desenvolvimento da Amazônia deve esta, necessariamente, atrelado ao processo de desenvolvimento capitalista implantado pelos governos da ditadura militar.

Foi durante o período de 1964-78 que a Amazônia mais sofreu transformações, foram criados vários órgãos e medidas para propiciarem o desenvolvimento econômico capitalista da região como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e o Banco da Amazônia S/A (BASA); a criação de rodovias que interligassem a Amazônia ao restante do país etc. Todas essas medidas governamentais foram vistas com bons olhos por Djalma Batista, porém, ele sempre as analisava criticamente, apontando erros e propondo soluções para uma melhor eficácia das mesmas.

Quanto a SUDAM, por exemplo, Djalma Batista a via com muito entusiasmo, pois, era através dela que os incentivos fiscais chegavam à região. “Esperamos que a SUDAM venha concorrendo, agora, para que o tempo futuro seja melhor que o presente, e que o homem de amanhã tenha superado as limitações dos dias que correm”. (BATISTA, 1976, P.214). Assim, o autor deposita todas as suas esperanças na atuação da SUDAM para propiciar de forma sistemática e abrangente o desenvolvimento da região.

Ao analisar a atuação do BASA, o autor percebe aspectos irracionais em sua condução, sobretudo no que tange as suas ações financiadoras, pois segundo ele, o banco não vem sendo uma agência de desenvolvimento.

A produção extrativa é à base de todo erro, pela sua condição arcaica. Por isso considero sempre temeroso estimular a atividade nessa área, porque seus resultados quando não são negativos podem aparecer ilusórios.

Não é portanto o BASA que não presta: é o sistema em que está engajado que não tem condições de sobrevivência.

A solução terá que ser, então, drástica: uma reforma radical da economia regional. (BATISTA, 1976, p.205).

Quando Djalma Batista sugere uma “reforma radical da economia regional” supomos, que essa reforma está ligada intrinsecamente ao processo de industrialização da Amazônia iniciado com a Zona Franca de Manaus. Deste modo, o autor nos mostra está imbuído das concepções em relação ao desenvolvimento emanadas pelos governos militares.

Houve uma época em que os órgãos federais atuando na região pareciam orientados, no sentido de favorecer a industrialização. Tinha-se a impressão de que a Amazônia queria livrar-se da dependência do extrativismo, que era apresentado, com frequência, como a origem dos problemas da região. (IANNI, 1986, p. 62).

A Zona Franca de Manaus teve como objetivo industrializar a Amazônia e, segundo o autor, “foi uma opção brasileira, diante da situação da Amazônia Ocidental” (BATISTA, 1976, p. 268).

Um aspecto que preocupa Djalma Batista com a chegada da Zona Franca, é que Manaus cresce economicamente e demograficamente enquanto o interior está estagnado e esvaziando. Essa situação comprova a teoria de Celso Furtado na obra *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1981), que como vimos, demonstra que ao processar-se o desenvolvimento econômico os seus benefícios tendem a concentra-se em poucas mãos ou em determinadas regiões.

Djalma Batista (1976) prefere não elaborar uma solução para esta tendência apontada por Celso Furtado (1981), mas afirma que o importante para a região é a educação dos seus habitantes, pois serão eles que, devidamente esclarecidos, procuram as soluções dos problemas amazônicos.

Para Djalma Batista, integrar a região ao restante do país também é necessário para o seu desenvolvimento. Por isso, o autor vê a criação de rodovias como um pré-investimento para a região. Porém, não deixa de perceber o grande mal que estas estradas fazem ao meio ambiente, e que precisam ser mais bem pensadas para evitar essas tragédias.

Uma das características mais marcantes do pensamento social de Djalma Batista, é que ele não vê a Amazônia como um lugar onde o desenvolvimento e condições satisfatórias de habitabilidade não possam se estabelecer. O autor discorda veemente das teorias que apontavam o homem como um estranho na região, teorias estas, que tiveram como precursor Euclides da Cunha e que se disseminou entre os intelectuais amazônicos.

Djalma Batista rompe definitivamente com essas teorias, na sua perspectiva, a natureza era sim um obstáculo para a vida na região, mas através do conhecimento científico poder-se-ia criar condições favoráveis à vida na região.

Por isso, como já havíamos dito, o autor via na precariedade da educação da população a raiz do seu subdesenvolvimento. Para Djalma Batista, além da região não ter professores bem qualificados e escolas com infra-estruturas adequadas, a educação existente não ensinava os alunos a trabalharem a terra nem a terem higiene e, com isso, os mesmos adoeciam com facilidade e não estavam capacitados a enfrentar os problemas amazônicos.

Portanto, a educação surge como a principal força para alavancar o desenvolvimento da região, “a solução está na educação, que levantará o nível cultural da população, dando-lhes novos horizontes, com a valorização do trabalho e novas perspectivas de vida, que deve ser boa e digna em qualquer lugar” (BATISTA, 1976, p. 90). Nesse sentido, para que este quadro de subdesenvolvimento mude, é preciso que o acesso à educação seja ampliado a todos.

Assim como a educação, a ciência e a tecnologia, surgem no pensamento social de Djalma Batista como meios pelos quais a região conheceria seu desenvolvimento, pois seriam eles os responsáveis pelo estudo do solo, da fauna e da flora da região, para deste modo, propiciarem o seu uso racional sem explorá-los de forma predatória.

Não vacilamos em dizer que o melhor conhecimento das potencialidades físicas e biológicas da Amazônia e a ampliação de técnicas de produção mais aperfeiçoadas e de alta rentabilidade haverão de criar condições satisfatórias para melhorar a vida dos habitantes atuais e para a vinda de uma imigração intensa e bem conduzida permitindo ao homem viver bem e construir uma sociedade estável e progressista. (BATISTA, 1967, p. 1962).

Percebemos, portanto, o grande papel que a ciência e a tecnologia juntamente com a educação assumem no pensamento social de Djalma Batista para o desenvolvimento da região amazônica.

Um dos aspectos importantes no pensamento social do estudioso amazônico, que não pode ser deixado de lado, é que a consciência ecológica deve estar integrada ao processo de desenvolvimento regional, isto é, o desenvolvimento econômico não pode ser consequência do extermínio da flora e da fauna da região. Para o autor, o meio ambiente não é um obstáculo para o desenvolvimento e sim um aliado, desde que trabalhado racionalmente, daí a necessidade de preservação da natureza. Deste modo, para que a região amazônica se desenvolva, é preciso incentivar a educação, a ciência e a tecnologia; e a preservação ambiental.

Contudo, apesar do autor ser adepto do processo de desenvolvimento capitalista, o mesmo não deixa de perceber a importância que a natureza assume na região e que precisa ser pensada, pois, se trabalhada racionalmente a luz da ciência e da tecnologia ela assume grande papel no processo de desenvolvimento.

Porém, através do exposto, podemos verificar certa ingenuidade por parte do estudioso na sua análise do processo de desenvolvimento regional. Para ele, como vimos, a sinergia entre modo de produção capitalista e preservação ambiental era completamente plausível, algo que historicamente observamos o contrário.

Ao longo da história, é comum, por exemplo, o grande processo de desmatamento e migração descontínua propiciada pela criação de rodovias, idéia essa que Djalma Batista via com bons olhos, pois segundo ele, essas (as rodovias) seriam uma alternativa viável para integrar a Amazônia física e economicamente ao restante do país, porém esse tipo de investimento, acarreta muito mais malefícios do que benefícios, pois destrói a sua maior riqueza, a fauna e flora; à medida que as rodovias são construídas, mais florestas são destruídas, mais pessoas migram para as redondezas das mesmas e a natureza é continuamente depredada.

O que queremos dizer, é que, o autor aqui estudado, está amplamente deslumbrado – e sem perceber os seus enganos - com a concepção desenvolvimentista lançada pelos governos militares, que queriam empregar na região, a mesma concepção de desenvolvimento implantada em outras regiões e países, não percebendo que a Amazônia possui particularidades e que, para ela, é necessário se pensar em um novo modelo de desenvolvimento, que leve em consideração a sua riqueza natural e cultural, e não o capitalismo industrial, que se apropria desordenadamente dos seus recursos naturais e que só contribui para sua degradação.

Apesar de Djalma Batista ter juízo da grande potencialidade natural da região amazônica e de sua importância no desenvolvimento regional, o mesmo concentra grande parte de sua análise no modelo capitalista-industrial que estava sendo implantado na região, não percebendo que o mesmo era ilusório e um contra-senso, pois pensar, por exemplo, em um parque industrial, como Zona Franca de Manaus, em plena Floresta Amazônica, é no mínimo incoerente, e atitudes como essa foi amplamente aceita pelo autor em suas obras.

À guisa de conclusão

Nesse sentido, podemos perceber, que Djalma Batista cometeu equívocos em sua análise do processo de desenvolvimento regional, pois não percebia que para a Amazônia não se poderia adotar modelos “importados” de desenvolvimento, mas sim, pensar em um novo modelo para a mesma. Porém, suas obras não deixam de ser importantes e imprescindíveis para uma melhor compreensão da região.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

_____. Cultura amazônica (1955). In: TELLES, Tenório (org). **Amazônia Cultura e Sociedade**. Manaus: Editora Valer/ Governo do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003, p. 67-97.

_____. Idéias Gerais sobre a ecologia do homem amazônico (1963). In: TELLES, Tenório (org). **Amazônia Cultura e Sociedade**. Manaus: Editora Valer/ Governo do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003, p. 99-112.

_____. Da habitabilidade da Amazônia (1965). In: TELLES, Tenório (org). **Amazônia Cultura e Sociedade**. Manaus: Editora Valer/ Governo do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003, p. 113-158.

_____. Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento da Amazônia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 mar. 1967. Suplementos da Amazônia. p. 162-163.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

FREITAS PINTO, Renan. O Pensamento Social de Djalma Batista. **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Manaus, n.º 24, p. 144-152, nov. 2002.

_____. Letras da Amazônia de Djalma Batista. **A Crítica**. Manaus 24 de Fevereiro de 1995. Caderno Criação. p. 1.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Nacional, 1969.

_____. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

IANNI, Octavio. **Ditadura e Agricultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.